



## Bullying na escola: causas e posicionamentos de alunos portugueses e brasileiros

### Bullying in school: causes and standpoints of portuguese and brazilian students

Maria Teresa Ceron Trevisol \*, Maria Beatriz de Oliveira Pereira \*\*, Patrícia Mattana \*\*\*  
Universidade do Oeste de Santa Catarina Joaçaba (SC)\*, Universidade do Minho\*\*, Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Chapecó (SC) \*\*\*

#### Resumo

Esse artigo objetiva analisar as causas do *bullying* na escola e de como e de que forma alunos portugueses e brasileiros reagem e se posicionam quando evidenciam esse problema. A base empírica desse texto é uma investigação, tendo como amostra 235 alunos adolescentes, procedentes de duas escolas públicas, uma do Brasil, e outra de Portugal. Para coleta de dados utilizou-se um questionário. As respostas foram tabuladas com a utilização da ferramenta *Google Docs*. No que se refere as causas apontadas pelos alunos verificou-se que são de natureza interpessoal e intrapessoal. O trabalho de prevenção e enfrentamento do *bullying* precisa envolver o coletivo da escola para que todos sintam-se responsáveis por garantir a qualidade das relações de convivência no espaço escolar.

*Palavras-chave:* Bullying, Escola, Razões promotoras do problema, Alunos adolescentes.

#### Abstract

This article aims to analyze the causes of bullying in school and how and in which way Portuguese and Brazilian students react and position themselves when they evidence this problem. The empirical basis of this text is an investigation, having as sample 235 adolescent students, coming from two public schools, one from Brazil, and another from Portugal. For data collection, a questionnaire was used. Responses were tabulated using the *Google Docs* tool. With regard to the causes pointed out by the students, it was found to be of an interpersonal and intrapersonal nature. The work of prevention and coping of bullying needs to involve the collective of the school so that everyone feels responsible for guaranteeing the quality of the relations of coexistence in the school space.

*Keywords:* Bullying, School, Reasons promoting the problem, Adolescent students.

#### Introdução

O *bullying* é um fenômeno que tem sido investigado tanto no Brasil quanto em outros países, e que afeta alunos, crianças e adolescentes, que estão nas escolas, sendo elas particulares ou públicas. O *bullying* não se restringe somente aos muros da escola, ultrapassa as fronteiras físicas e pode atingir o mundo virtual que é conhecido como o *cyberbullying* que é uma forma virtual de praticá-lo. O *bullying* é definido como agressão entre pares, de forma continuada e intencional

provocando danos na (s) criança (s) alvo das agressões (Olweus, 1993; Pereira, 2008). É o abuso sistemático do poder entre pares (Smith & Sharp, 1994).

O *bullying* “[...] acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico” (Moura, Cruz & Quevedo, 2011). Dentre os envolvidos neste fenômeno os papéis dividem-se em: agressores, vítimas e testemunhas. As vítimas podem sofrer danos psíquicos difíceis de reparar e, eventualmente, desenvolvem quadros depressivos, apresentam dificuldades em relacionar-se com outras pessoas, passam a ter dificuldades no aprendizado, podendo inclusive assumir a posição de agressores em novas situações de *bullying* (Lopes Neto, 2005; 2007). Segundo Pereira, Silva & Nunes (2009, p. 10), “as vítimas transformam-se em adultos inseguros, com uma autoestima mais pobre e uma tendência para entrar em estados depressivos”.

Para Olweus (1993 apud Pereira, Silva & Nunes, 2009, p. 10) os agressores são definidos como fisicamente fortes, com tendências agressivas, expressam falta de empatia com as vítimas reduzindo o sentimento de culpa em seus atos. E há um público, as testemunhas ou espectadores que concordam ou agem com indiferença aos atos de quem pratica o *bullying*, alimentando a continuidade destes.

A prática do *bullying* pode ser evidenciada em diferentes episódios, ambientes, idades, gêneros, e coloca todos os profissionais que atuam no contexto escolar com o compromisso de identificação das situações envolvendo o problema e o desafio de como intervir diante das mesmas. Segundo Pereira; Silva & Nunes (2009, p. 4) “[...] os profissionais devem estar conscientes sobre essa forma de violência e devem ser capacitados para diagnosticar, intervir e preveni-la”. Tendo consciência que o papel da escola é fundamental para o desenvolvimento do ser, esse ambiente deve ser um local em que a criança se sinta acolhida, e um lugar em que ela possa expressar seus sentimentos de maneira em que não seja julgada e reprimida. A escola é um lugar em que essas manifestações devem ser observadas, diagnosticadas e orientadas.

As causas do *bullying* podem estar relacionadas às características individuais das pessoas envolvidas, bem como os contextos familiar e escolar, pois estes núcleos

sociais influenciam o comportamento do indivíduo (Silva & Rosa, 2013). O bullying pode estar relacionado com as experiências familiares de violência doméstica, com os maus tratos infligidos às crianças (Senra et al, 2011; Saraiva, Pereira & Zamith-Cruz, 2011; Pereira, 2006).

No período da adolescência, um forte fator que pode ser causa do *bullying*, é a influência exercida pelos pares. Neste período da vida da pessoa, segundo Bee (2001), a relação com seus pares aumenta significativamente e a influência exercida por estes é (quase sempre) maior do que dos pais (como era até o final da infância), além de prevalecer a necessidade e sentimento de pertencimento no grupo. Isso porque, com o passar dos anos, os grupos dos quais as pessoas fazem parte vão se ampliando, deixando de concentrar-se somente na família. E, nestes outros grupos, faz-se necessário um investimento para conquistar e manter seu lugar/papel.

O problema *bullying* é, atualmente, indiscutivelmente conhecido. Entretanto, identificá-lo não é tarefa fácil, requer um olhar atento e contínuo por parte dos professores, direção e demais funcionários no ambiente escolar, além do acompanhamento dos pais e de outros responsáveis.

Considerando que os problemas relacionados aos conflitos interpessoais na escola, como desavenças, indisciplina, *bullying*, violência, entre outros, demandam especial atenção no contexto escolar e dos profissionais que atuam neste contexto, faz-se necessário conhecer a rede de elementos, tanto interpessoal quanto intrapessoal, que embasa esses problemas. Nesse sentido, esse artigo objetiva analisar as causas do *bullying* na escola e como, e de que forma, alunos portugueses e brasileiros reagem e se posicionam quando evidenciam esse problema.

A base empírica desse texto é uma investigação realizada em escolas públicas dos dois países: Brasil e Portugal. Considerando que há poucos estudos comparativos entre escolas públicas realizou-se os estudos nos dois países e, ainda, em cidades de médias dimensão, no interior, ou seja, num contexto diferenciado que o distinga de grande número de estudos que são realizados no litoral. Compreende-se que esse artigo pode contribuir para aprofundar o conhecimento geral sobre o *bullying* na escola e também compreender aspectos da sua expressão que sejam característicos de um ou outro país, nas idades dos alunos que constituíram a amostra desse estudo.

### Método

A base empírica desse texto é uma pesquisa, de cunho exploratório e de natureza quanti-qualitativa.

A amostra foi composta por 235 alunos procedentes de duas escolas públicas, uma do Brasil, de um município localizado na região Oeste de Santa Catarina e outra de Portugal, da região Norte, do Minho. Da escola brasileira foram coletados 107 questionários (5 turmas), e da escola portuguesa foram coletados 128 questionários (5 turmas). Os alunos que constituíram a amostra brasileira são estudantes do 8º e 9º ano do

ensino fundamental, na faixa de idade de 13 a 16 anos oriundos de diversos locais do município; enquanto os alunos da amostra portuguesa são estudantes da 7º, 8º e 9º anos, com a mesma faixa de idade da amostra brasileira.

A seleção destes alunos se deu de forma aleatória considerando as escolas e os alunos que manifestaram interesse em participar da investigação e que foram autorizados por seus pais e/ou responsáveis por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Como procedimento de coleta de dados utilizou-se um questionário composto por 23 questões, 22 questões fechadas, apresentando algumas alternativas para cada uma das questões, e 01 questão aberta, permitindo aos participantes a sua manifestação em relação aos seguintes aspectos: situações do cotidiano escolar em que é evidenciado o *bullying*; como os alunos avaliam estas situações; o que fariam se estivessem envolvidos; como se sente quem pratica o *bullying* e quem sofre a ação; as razões que podem levar um aluno a praticar o *bullying*; e, como a escola e seus profissionais encaminham estas situações. Nesse texto enfatiza-se o posicionamento dos alunos a respeito das causas que promovem o *bullying*.

As respostas dos questionários foram tabuladas com a utilização de uma ferramenta *on-line* (Google Docs) considerando os objetivos da pesquisa. Os dados da questão aberta foram analisados utilizando-se a análise do conteúdo dessas respostas.

### Resultados e discussões dos dados coletados Causas de bullying na escola

Considerando a análise das causas das situações de *bullying*, os alunos foram inquiridos a respeito dos motivos que levam o autor do *bullying* a praticar tais atos. As respostas dessa questão evidenciaram algumas diferenças entre a amostra portuguesa e amostra brasileira, no entanto em ambas foram assinaladas alternativas como: “Ele faz isto porque quer ser mais popular, sentir-se poderoso” e “Ele faz isto porque se “acha melhor” que os outros”. E também, na amostra brasileira os alunos indicaram com mais ênfase que “Ele faz isto porque é mais forte”. Essas manifestações podem ser analisadas considerando o período do desenvolvimento em que a amostra investigada se insere que é a pré-adolescência e/ou adolescência, e que este período se caracteriza como de construção da identidade social e sexual (Erikson, 1976), período de autoafirmação, do despertar do interesse pelo sexo oposto, a maturidade biológica, enfim, uma fase repleta de mudanças e transformações.

Cabe destacar que comportamentos que possuem a intenção de explicitar “popularidade/poder”, “achar-se melhor que os outros”, podem estar relacionados a compreensão que esses alunos adolescentes constroem sobre si e das expectativas que esperam que os outros possuam deles.

O *bullying* se torna presente pela percepção que uns tem em relação aos outros – se ele é alguém maior e mais forte, logo deve ser temido, e se ele é diferente em

algum aspecto, logo será apontado e farão piadas de “sua diferença” e ele “tem de aceitar”. Segundo Erikson (1976, p. 128-129) a identidade do ego vai se definindo no período da adolescência, devendo se estabelecer ao seu final, a fim de que o adolescente tenha clareza de quem é, para realizar suas escolhas de forma independente, sustentadas por si mesmo. E no decorrer desse processo, os adolescentes buscam em seus grupos de convívio o reconhecimento, o desenvolvimento de novas habilidades, ressignificações de valores, amparo emocional diante das suas decisões, de maneira que definam seus papéis na sociedade, perspectivando sua independência e autonomia, por isso, inspira-se em modelos ideológicos e têm como referência seu meio de convívio social. Os papéis e o modo de se relacionar são características que fazem parte da pessoa, a qual se relaciona com seu meio e o influencia assim como é influenciada (Bronfenbrenner, 2011). Desta forma, tanto a vítima quanto o agressor possuem características pessoais diferenciadas e que foram desenvolvidas a partir dos processos proximais estabelecidos e da inter-relação com os vários sistemas e contextos que fazem parte do desenvolvimento humano.

Considerando as manifestações de *bullying* e o desafios de compreender o que está na essência de comportamentos dessa natureza, torna-se imprescindível levar em conta a influência familiar e social, visto que a família se constitui como o primeiro nível de contato da criança (microsistema) com o meio, e logo depois também a escola passa a fazer parte deste sistema. Steinberg (1994) acentua a violência como resultado das relações familiares pautadas na ausência de transmissão de valores contrários à violência, ou em que os pais utilizam severas punições ou ainda, como fruto de relações em que os pais são negligentes.

Chama a atenção, também, o argumento de que o autor (também denominado de agressor) pratica *bullying* porque não é punido. Tognetta (2005, p. 17) sugere que sejam aplicadas sanções por reciprocidade, que “baseiam-se em dar ao sujeito a possibilidade de fazer escolhas, de sofrer as consequências naturais de seus atos e se responsabilizar pelas correções a serem realizadas”. Da mesma forma, a influência do ambiente familiar também deve ser considerada, no sentido de compreender se este ambiente está sendo permissivo ou limitativo demais, impedindo o desenvolvimento da moral com parâmetros equilibrados de possibilidades, limites e responsabilidades.

Outra causa mencionada pelos pesquisados se refere ao argumento de que quem pratica *bullying* já foi alvo também. E, aqui, cabe o princípio básico de relações de respeito. Segundo Tognetta (2010b), as crianças e adolescentes que “desrespeitam os outros também se sentem desrespeitados primeiro. Respeitar as crianças (o que não significa permitir o desrespeito [...]) é nosso grande desafio para vencer, não só as situações de *bullying*, mas qualquer outro tipo de violência na escola”. Os princípios éticos morais não são aprendidos pela teoria, são internalizados na prática, nas relações e nos exemplos.

Relacionado a este aspecto, encontra-se outra possível causa do *bullying*, a satisfação pessoal. A satisfação

alcançada com a insatisfação do outro, com o reforço de ser reconhecido, de ser forte, de ser temido, de ser respeitado e, por outro lado, de ter humilhado, constrangido, abalado a estrutura de outro aluno. Comportamentos dessa natureza evidenciam ausência de construção da capacidade psicológica da empatia, de se colocar no lugar do outro, de prever e evitar sofrimento, de ser notado e respeitado por valores nobres e não por imposição.

Esse conjunto de constatações a respeito de possíveis causas promotoras do *bullying*, explicitadas pelos pesquisados, vem ao encontro do que Tognetta (2009, p. 9) enfatiza que “[...] todo o percurso que fizemos quanto ao entendimento do fenômeno da violência faz pensar que este exista em função das relações que são estabelecidas – as relações interpessoais entre as pessoas e aquelas chamadas de intrapessoais – estabelecidas pela pessoa consigo mesma”.

### **Posicionamentos dos estudantes frente aos atos de bullying**

Os alunos pesquisados foram questionados a respeito de como e de que forma reagem ou se posicionam quando evidenciam situações de *bullying* e evidenciou-se que nas respostas da amostra brasileira prevaleceu a opção “Quando vejo cenas assim, procuro afastar-me e faço de conta que nem vi” (amostra brasileira: 26,17%; amostra portuguesa: 12,5%). Entretanto, chama a atenção a indicação das opções “Procuro ajudar quem está a ser agredido (“saio em defesa do agredido”)” (amostra brasileira: 22,43%; amostra portuguesa: 30,48%) e “Peço aos agressores que “parem” com este tipo de comportamento” (amostra brasileira: 24,30%; amostra portuguesa: 32,03%) as quais indicam a existência da virtude de generosidade e essa atitude em relação a vítima, e se somadas as opções que revelam essa atitude ultrapassam a quantidade de sujeitos que se afastam da cena e fingem que não a percebem.

Os dados apresentados podem ser reforçados por meio da pesquisa realizada por Vieira et al (2016) com 753 adolescentes de escolas públicas da Grande Aracajú, onde investigaram as atitudes dos alunos espectadores de práticas de *bullying* na escola e constataram que cerca de 92% dos espectadores condenam o comportamento dos autores e 82% não aprovam os atos de *bullying*, no entanto a atitude mais frequente perante os atos é de “não fazerem nada” (47,50%), seguida de “pedir aos agressores que parem” com um índice bem menor (22,40%) e “recorrer a um adulto” (15,0%). Os autores reforçam que a atitude de se afastar e não intervir pode decorrer do medo de vir a ser a próxima vítima do *bullying*, assim estas testemunhas silenciam-se afirmando o poder do agressor, sem denunciá-lo, e desta forma, acabam por encobrir a prevalência dos atos de *bullying*. Há também casos em que os espectadores apoiam e incentivam as agressões, mesmo que não concordem com estas, com o intuito de se firmarem perante ao grupo, e estes podem se tornar agressores também.

Na amostra portuguesa as respostas indicam maior senso de generosidade por parte daqueles estudantes e revelam preocupação para com aquele que está sendo

agredido. Este índice sugere, também, a presença da capacidade da empatia e da atitude de solidariedade, os quais se constituem como o senso de moralidade do indivíduo. De acordo com La Taille (2006, p.12) a generosidade “está relacionada com simpatia e empatia, que seria perceber a necessidade singular de outra pessoa e contemplá-la por intermédio de um ‘dom de si’”. Desta forma, uma pessoa que não é capaz de ser empática não irá perceber a necessidade do outro, não irá se comover com esta necessidade e assim não agirá de forma generosa. Em situações de *bullying* este sujeito pode ser tanto o agressor quanto o espectador que nada faz para auxiliar a vítima, como no caso dos alunos que indicaram fingir que não veem a cena e afastam-se.

Não se pode afirmar que os espectadores que nada fazem para auxiliar a vítima não possuem um senso de justiça, já que estes podem tomar tal posicionamento devido ao medo de serem as próximas vítimas ou de serem punidos por uma autoridade. É possível constatar que é real o medo destes estudantes de que o *bullying* possa acontecer consigo, e que assim eles se tornem as vítimas. Verificou-se esse posicionamento no assinalar dos alunos pesquisados em relação a opção de uma das questões do questionário “fico com medo que possa acontecer comigo também” (amostra brasileira: 28,04%; amostra portuguesa: 18,75%). Porém, tal posicionamento pode também indicar a ausência de sentimento de empatia e indignação, o qual provém de um “‘estar sensível’ ao sentimento do outro” e comover-se com aquele que sofre por ser a vítima (Tognetta, 2007, p.14). Desta forma, reforça-se que falta a estes espectadores a sensibilidade e empatia para intervir em prol da vítima.

Esses dados vêm ao encontro de pesquisa efetuada pela ABRAPIA (2008). O estudo revelou que “80% dos estudantes manifestaram sentimentos contrários aos atos de bullying, como medo, pena, tristeza, etc.” (Lopes Neto, 2005, p. S166). Tais sentimentos estão presentes nas opções indicadas pelos sujeitos da presente pesquisa. Da mesma forma, nos comentários explicitados pelos alunos da amostra brasileira, especialmente ao lado da opção “Quando vejo cenas assim, procuro sair de perto e faço de conta que nem vi”, em que está escrito “quando me sinto ameaçado pelos agressores” e “porque depois sobre para nós”.

Entretanto, mesmo os alunos manifestando-se “preocupados” com os colegas, evidencia-se que possuem medo em intervirem no problema e acabam ocupando o lugar de espectadores ou de testemunhas. E, nesse sentido, esses ocupam papel fundamental na promoção do *bullying*, “[...] não há *bullying* sem que haja um público a corresponder com as apelações de quem ironiza, age com sarcasmo e parece liderar aqueles que são espectadores” (Tognetta; Vinha, 2010, p. 452, grifo do autor). Então, quando o espectador ou a testemunha, se indignam e pedem para que o autor pare com seu comportamento, quando defendem o alvo ou quando pedem ajuda a um adulto, rompem com as expectativas de aceitação e motivação social por parte do autor. Reforça-se que esta manifestação sugere a presença da empatia, da solidariedade, da indignação e da justiça. Outros dois sentimentos, porém, são

indicados, a tristeza por lembrar que já esteve no papel de vítima e o medo por talvez ser a próxima. Essas categorias de sentimento podem inibir a ação, pois o medo de ser o próximo alvo ou a lembrança de já ter estado em semelhante situação (e não querer vivê-la novamente) viabiliza, segundo Tognetta e Vinha (2010), comportamentos que parecem concordar com tais ações, entre eles a indiferença e a omissão.

Como foi verificado, anteriormente, há um conjunto de razões - sociais, familiares e individuais – que podem constituir-se causas do *bullying*. Com o propósito de atender a todas essas demandas faz-se necessário a constituição de uma equipe multidisciplinar na escola buscando observar e compreender comportamentos de alunos diante de determinadas situações, fazendo com que se sintam acolhidos em seus anseios, dificuldades, expectativas. Este contexto remete, também, a reflexão feita por Tognetta (2005, p. 15) [...] é preciso então, um refinamento do olhar de pais e professores que estejam atentos a problemática do *bullying* e de outros conflitos interpessoais e que possam organizar suas ações a partir de um diagnóstico da realidade. A formação e desenvolvimento das crianças e adolescentes é importante demais para deixá-los a mercê de violência e insegurança dentro da própria escola.

E para, além disso, sugere-se que sejam realizadas intervenções com outros contextos em que a criança e o adolescente se inserem (família, comunidade e sociedade) os quais podem originar, manter e sustentar o *bullying* e as atitudes perante este problema (Borsa, Petrucci & Koller, 2015). Conforme proposto por Bronfenbrenner (2011) os contextos em que o indivíduo está inserido se inter-relacionam em forma de sistemas, e influenciam no desenvolvimento da pessoa, contribuindo na formação deste sujeito, determinando seu modo de se relacionar com o outro e consigo mesmo, as relações interpessoais e intrapessoais, e consequentemente, influenciando diretamente nos comportamentos destes indivíduos enquanto agressores, vítimas e espectadores do *bullying*.

### Considerações finais

Esse artigo buscou analisar as causas do *bullying* na escola e, de como e de que forma, alunos portugueses e brasileiros reagem e se posicionam quando evidenciam esse problema. Nesse sentido, em relação às causas do *bullying* evidenciou-se que entre a amostra portuguesa e a amostra brasileira há algumas diferenças na seleção das alternativas que compunham as questões do questionário, no entanto, as principais respostas indicadas, recaem sobre a ideia de que a promoção do *bullying* está vinculada a causas envolvendo a dimensão interpessoal e intrapessoal. Os alunos pesquisados concebem que as atitudes de *bullying* advêm da concepção que o sujeito faz de si mesmo, confirmando sua atitude de agredir, ser agredido ou de testemunhar episódios envolvendo os conflitos.

Quanto ao posicionamento dos estudantes em relação as manifestações de *bullying*, como e de que forma reagem quando evidenciam essas situações, os resultados da amostra brasileira indicaram menor

sentimento de empatia e solidariedade destes com a vítima, visto que um grande número indicou não agir em defesa dela e fazer de conta que não percebe o problema. Uma das hipóteses para esse posicionamento pode estar vinculada ao medo em tornarem-se as próximas vítimas ou na tentativa de se firmarem perante o grupo. Não agindo em prol da vítima esse (s) aluno (s) pode reforçar a sua insegurança desencorajando-o a denunciar a agressão, além de impedir que os atos de *bullying* sejam conhecidos pelas autoridades da escola e que uma atitude possa ser tomada para cessá-los. Ainda, tal conduta pode indicar ausência de sentimento de generosidade e capacidade de empatia para com aquele que está sendo agredido.

Nesse sentido, faz-se necessário o trabalho de prevenção e intervenção com todos os envolvidos no problema: vítima, agressor, espectador, enfim, com o coletivo da escola, para que todos sintam-se responsáveis por garantir a qualidade das relações de convivência no espaço escolar. É também necessária maior supervisão nos horários de recreio, e profissionais capacitados para que as situações de conflito sejam transformadas em aprendizagem e discussão sobre as questões morais e de resolução de problemas, visto a importância deste momento de socialização como também um momento de construção de novos comportamentos e reflexões. Porém, para isso é necessária a intermediação de um adulto/profissional/funcionário que ao invés de, simplesmente, desempenhar função coercitiva, possa desempenhar o papel de acolhedor de uma demanda e sensível ao seu encaminhamento.

O *bullying* é um fenômeno complexo, multifacetado e multideterminado (Borsa; Petrucci & Koller, 2015) e qualquer tentativa de definir as reais razões ou causas que o promovem seria limitada ou mesmo equivocada ao especificar ou generalizá-las. Desta forma, intervenções que consigam abranger os diversos contextos de inserção dos alunos, crianças e adolescentes, se mostram necessárias, pois todos estes contextos se inter-relacionam e estabelecem com o indivíduo uma relação de reciprocidade e mutualidade.

Pode-se ir além, e conceber que, se estão ocorrendo situações de conflitos, de diferentes naturezas, e de *bullying* dentro na escola, é preciso que os adultos responsáveis por esse contexto estejam atentos para identificá-las e intervir junto a estas. Possuir conhecimento para orientar alunos, escola, famílias e a sociedade em geral sobre os riscos e consequências do *bullying* se o que se deseja é a construção de relações mais saudáveis, a promoção do bem-estar e da saúde dos envolvidos no cotidiano escolar.

### Referências

Abrapia-Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (2008). O que é Bullying. Construir Notícias, 7 (40).

Borsa, J.C.; Petrucci, G. W. & Koller, S.H. (2015). A participação dos pais nas pesquisas sobre o bullying escolar. Revista Quadrimestral da Associação

Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v. 19, n. 1, jan./abr., p. 41-48.

Bee, H. (2001). A criança em desenvolvimento. Porto Alegre: Artmed.

Bronfenbrenner, U. (2011). Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos. Revisão técnica: Silvia H. Koller – Porto Alegre: Artmed.

Erikson, E. H. (1976). Identidade: juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar.

Fante, C. & Pedra, J. A. (2008). Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed.

La Taille, Y. de (2006). A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. Psicologia: reflexão e crítica, v. 19, n. 1, p. 9-17.

Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria, 81 (5), 164-172.

Lopes Neto, A.A. (2007). Bullying. Revista Adolescência & Saúde. v. 4, n. 3, ago, p. 51-56.

Moura, D. R.; Cruz, A. C. N. & Quevedo, L. Á. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. Jornal de Pediatria, 87 (1), p.19-23.

Olweus, D. (1993). Bullying in schools: What we know and what we can do. Blackwell: Oxford.

Pereira, B. O. (2008). Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. (2. ed.). Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.

Pereira, B. Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção. In.: Souza Neto, J.C.; Nascimento, M.L.B.P. (2006). Infância: violência, instituições e políticas públicas. São Paulo: Expressão e Arte Editora, p. 43-51.

Pereira, B.; Silva, M. I. & Nunes, B. (2009). Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. Curitiba-PR, p. 455-466.

Saraiva, A. B.; Pereira, B. & Zamith-Cruz, J. (2011). School dropout, problem behaviour and poor academic achievement: a longitudinal view of portuguese male offenders. Emotional and Behavioural Difficultie, Special Issue: Longitudinal Research on Emotional and Behavioural Difficulties 16(4), 419-436. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/15420>

Senra, L. X.; Lourenço, L. M. & Pereira, B. O. (2011). Características da Relação entre Violência Doméstica e Bullying: Revisão Sistemática da Literatura. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 4 (3), 297-309. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/17136>

Silva, E. N. & Rosa, E. C. S. (2013). Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, S.P, v. 17, n. 2, jul./dez, pp. 329-338.

Smith, P. K.; Sharp, S. (1994). School bullying: insights and perspectives. London: Routledge.

Steinberg L. (1994) Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from

- authoritative, authoritarian, indulgent and neglectful families. *Child – Development*, v.65, p. 754 – 770.
- Tognetta, L. R. P. (2005). Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos. In: Pontes, A.; De Lima, V. S. *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Editora Zouk.
- Tognetta, L. R. P. (2009). Violência na escola x violência da escola. In: Congresso Nacional de Educação da PUCPR – EDUCERE, 8; Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas – CIAVE, 3, Curitiba. *Anais...*, Curitiba: PUC.
- Tognetta, L. R. P.; Vinha T. P. [2007?]. Estamos em conflito: eu, comigo e com você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In: Cunha, J. L.; Dani, L. S. C. *Escola, conflitos e violências*. Santa Maria: Ed. da UFSM.
- Tognetta, L. R. P.; Vinha, T. P. (2010). Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. *Educação*. Santa Maria: UFSM, v. 35, n. 3, p. 449-464, set./dez.
- Tognetta, L. R. P. (2010b). Bullying: de onde vem a Violência que assola a Escola? In: Garcia, A. (Org.). *Pesquisas sobre o Relacionamento Interpessoal*. Vitória: Editora da ABPRI.
- Vieira, I. S.; Torales, A. P. B.; Vargas, M. M. & Oliveira, C. C. da C. (2016). Atitudes de alunos espectadores de práticas de bullying na escola. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, Jan/Mar; 15(1):163-170.

#### **Agradecimientos**

O trabalho de investigação, base empírica desse trabalho, contou com o auxílio – Bolsa de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.